

## O Doping no Discurso Midiático

Ana Gabriela Alves Medeiros

Graduanda do curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)  
gabimedeirosef@gmail.com

Doiara Silva dos Santos

Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC (Bahia). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo.

### Resumo

Quando o Comitê Olímpico Internacional (COI) pela primeira vez criou uma Comissão Médica para avaliar a presença de substâncias que melhorariam o desempenho de atletas nos Jogos Olímpicos em 1960, o doping não tinha a dimensão hoje verificada. São realidades, por exemplo, o doping genético e tecnológico. Este estudo objetivou identificar e discutir narrativas sobre o doping nas seções de esporte da Revista Veja no decênio de janeiro de 1999 a janeiro de 2009. Verificamos que o doping constitui-se como temática emblemática por explicitar relações entre interesses políticos, econômicos e científicos, permeando rupturas com procedimentos morais socialmente constituídos.

**Palavras-chave:** Doping; Mídia impressa; Análise de conteúdo.

### Abstract

When the International Olympic Cometeet (IOC) first created a Medical Comission to evaluate the presence of enhancing-permance drugs for athletes in the Olympic Games of 1960, the dopping had not the dimension verified today. Genetic and technological dopings, for example, are already realities. This study is aimed to identify and discuss the narratives about doping of the sports section in Revista Veja from january of 1999 to january of 2009. It was verified that the doping is up to an emblematic theme because it explicits relations between political, economics and scientific interests, through ruptures with moral procedures socially constituted.

**Keywords:** Doping; Printed media; Content analysis.

## Introdução

No esporte moderno o doping se constitui como uma questão controversa. Quando, em 1960, os Jogos Olímpicos de Roma foram denominados como os “últimos jogos da inocência”, a questão do doping estava circunscrita nesse processo. Foi a primeira vez que o Comitê Olímpico Internacional designou uma Comissão Médica para realizar testes nos atletas (SENN, 1999). É fato que esta questão ainda não tinha a dimensão que hoje alcançou presente no discurso midiático – e também resultante dele – e que se difunde cada vez mais.

O presente estudo teve por objetivo identificar e discutir as narrativas sobre o doping em fonte primária – reportagens das seções de esporte da Revista Veja (de circulação nacional e grande visibilidade) – compreendidas no decênio de janeiro de 1999 a janeiro de 2009. Como as controvérsias a respeito da temática estão presentes nestas narrativas?

Este decênio é marcado por grandes transformações e evoluções na produção e controle do uso de substâncias que auxiliam no desempenho dos atletas de alto nível em competições internacionais. Tais transformações moldaram as tensões paradigmáticas que se materializaram também no discurso midiático.

No período e seção mencionados foram encontradas cinco reportagens que tratavam da temática do doping. A partir de uma ficha previamente elaborada foram realizadas as análises, sistematicamente, cujas informações continham, a saber: os títulos e subtítulos das reportagens e respectivas informações relevantes, atletas em destaque, modalidades e substâncias em destaque (se houvesse), autoria das reportagens, descrição de fotos/ilustrações, bem como o registro da data, edição e páginas das mesmas.

Os resultados foram descritos e discutidos considerando as divergências, continuidades, descontinuidades e possíveis semelhanças relacionais entre as narrativas a partir de um diálogo com a literatura sobre a temática, que convergem em seu tempo histórico.

Para tanto utilizamos a Análise de Conteúdo Clássica (AC), por ser uma técnica que trabalha com a palavra, permitindo a análise do componente retórico da informação de forma prática e objetiva a fim de produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto, replicáveis ao seu contexto social (BAUER, 2002).

A AC pode ser quantitativa e qualitativa. Existe uma diferença entre essas duas abordagens: na abordagem quantitativa se traça uma frequência das palavras que se repetem no conteúdo do texto (de

acordo com objetivo da pesquisa). Na abordagem qualitativa se considera a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou conjunto de características num determinado fragmento de mensagem. Foi utilizada para esta pesquisa a AC enquanto técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto nas referidas reportagens (MYNAYO, 2003).

### **Esporte “limpo”, o importante é competir?**

A comercialização do esporte (que envolve a sua profissionalização) e a supervalorização da vitória tem sido apontados como fatores que fazem com que o doping tenha se tornado um recurso, embora ilegal, cada vez mais explorado pelos atletas (NETO, 2001). As controvérsias se tornam ainda maiores quando se questiona: “De quem é a culpa?”.

Esta questão suscita abordagens que não se restringem ao papel social, à moral, e aos valores agregados ao atleta como modelo de comportamento, mas perpassam em seu ápice a discussão ontológica do que é ser humano. As narrativas investigadas permitem identificar uma série de discussões comuns à

produção do conhecimento e produções acadêmicas sob o amparo da sociologia do esporte no que concerne aos paradoxos envolvendo o uso e liberação do doping.

“A bola está rolando e ninguém tem coragem de chutá-la para fora”<sup>1</sup>. É assim, com uma metáfora, que tem início a reportagem para ilustrar o que aconteceu no Congresso Mundial em quatro de fevereiro de 1999 na Suíça, no qual autoridades do esporte e governamentais se reuniram para organizar uma frente de combate contra a praga das drogas no esporte.

A narrativa expõe que esta situação é grave, no entanto, nenhuma medida foi adotada “por falta de coragem ou de vontade”. A pressão de sustentar o espetáculo e a falta de recursos técnicos para coibir essas drogas são apontadas como fatores que contribuíram para esta inoperância e até a admissão de que o esporte “quimicamente limpo é coisa do passado”.

Segundo esta reportagem, a primeira derrota do esporte “limpo” é, sobretudo, tecnológica, pelo surgimento acelerado de novas drogas e a ineficácia dos equipamentos de detecção. O presidente da Federação Internacional de Medicina Esportiva é mencionado

---

1 “Liberou geral: sem meios para detectá-lo e com medo de escândalo, as autoridades esportivas se rendem ao doping”. Revista Veja, 17/02/1999, p.64-65.

ao declarar que as então drogas da “moda” (hormônio do crescimento e eritropoetina) passariam batidas nos Jogos Olímpicos de Sydney.

Pontua-se também que não bastam os sinais exteriores (músculos visivelmente exagerados). A exemplo disso, discorre-se sobre o velocista canadense Ben Jhonson, que bem antes de ser flagrado no exame já era uma “imagem ambulante do doping”. A corredora americana (dos 100m e 200m) Florence Griffith Joyner é apontada como a versão feminina de Ben Jhonson, ela alcançou marcas imbatíveis e jamais havia sido flagrada em exame antidoping, porém, morreu por causa de um “colapso cardíaco”. Uma declaração do ex-médico do Comitê Olímpico americano é apresentada, ele admite que só é flagrado quem não tiver recursos farmacológicos adequados.

A nadadora irlandesa Michele Smith é citada como uma atleta de sucesso, especialmente em Atlanta onde ganhou três medalhas de ouro e uma de bronze, e só foi pega em um exame surpresa no qual forneceu a coleta de urina adulterada e foi punida. A pesquisa de Bob Goldman, presidente da Academia Nacional de Medicina Esportiva realizada em 1995 é citada para exemplificar estas questões. Tal pesquisa aponta que 195 atletas tomariam substâncias para

melhorar seu desempenho sabendo que ela não seria detectada no exame antidoping e apenas três disseram não. Mais da metade dos que tomaria faria isso mesmo sabendo do alto risco de morte.

A narrativa alerta que alguns dos fatores para isso são a fama e fortuna que o esporte pode proporcionar. Podem-se verificar, de acordo com Neto (2001, p.138) mais fatores que contribuem para isso:

*A pressão familiar, social e econômica sobre o atleta (isso sem contar com a inconstância e força da mídia) o transforma em um instrumento da vontade alheia, retirando sua capacidade de discernir onde se situam os limites éticos, morais e de segurança de seu comportamento.*

Mais declarações são expostas para ilustrar a questão, como o médico do Quênia que diz que um atleta “limpo” sequer competiria numa competição de ciclismo e que seria impossível quebrar recordes no atletismo. A divulgação dos casos também é apontada como obscura, mas nas narrativas este é preço que se paga pela profissionalização do esporte.

“Patrocinadores não gostam de ver suas marcas associadas a escândalos”<sup>2</sup>, palavras do técnico de

2 Idem, p.65.

natação americano Jhon Leonard. O Comitê Olímpico Internacional (COI) é citado na reportagem como uma instituição que se pretende lutar contra isso.

Declarações do ator americano Arnold Schwarzenegger são utilizadas para contrapor essa luta. O ator teria dito que consumir androstenedione (hormônio esteróide) seria como tomar uma xícara de café. A admissão do fisiculturismo pela respeitável instituição – o COI – é mencionada como uma questão difícil de entender e até contraditória nessa luta contra o doping, sobretudo, por neste esporte haver um linha tênue em relação ao que é físico e o que é químico.

### **Uma competição dentro da competição: guerra de opiniões**

“Não se pode dizer que haja trapaça quando todo mundo está fazendo a mesma coisa”<sup>3</sup>. O efeito inesperado da confissão do dono de um laboratório químico – Victor Conte – que teria ajudado a atleta americana Marion Jones a se dopar antes dos Jogos Olímpicos de Sydney é o foco desta reportagem. Suas declarações são tidas como

cínicas ao apontar os JO como uma farsa. A atleta que ele teria ajudado conseguiu três medalhas de ouro nos jogos de Sydney.

Em contrapartida, descreve-se um movimento em prol de uma flexibilização nas regras verificadas na imprensa americana a partir do influente jornal *The New York Times* e na revista britânica *The economist* cujos argumentos permeiam uma comparação entre o uso do doping pelo atleta, com o “cidadão” que faz uso de pílulas para combater stress e depressão.

Esta reportagem atribui ao atleta uma condição mística, como se estivesse em outro plano que não o do cidadão (HELLAL, 2000). Sobre estas questões constata-se que o discurso midiático está envolto nessa relação de espetacularização na qual a sociedade está imersa (KELLNER, 2006).

O argumento para este movimento em prol da flexibilização das regras antidoping se fundamenta sobre a questionável eficácia e lentidão na detecção das substâncias com casos judiciais que podem levar anos, roubo de material de coleta, etc. Menciona-se como exemplo o doping do cavalo Waterford Crystal da equipe irlandesa. Victor Conte revelou à ABC

3 “A corrida para o abismo: casos de doping reforçam o coro da liberação e poem em debate a essência do ideal olímpico”. Revista Veja, 05/01/2005, p. 88-89.

(rede de televisão americana) que já existem substâncias cujos traços são indetectáveis nos testes, além da questão do doping genético, trazendo a tona que o vencedor pode ser o que melhor esconder o doping.

A reportagem expõe que o público parece não se importar, nem se comover uma vez que continua acompanhando os esportes a exemplo do beisebol americano e do ciclismo (inclusive com a suspeita em torno do hexacampeão da Volta da França Lance Armstrong). O assunto é tratado como uma “guerra de opiniões”. As relações entre o dinheiro e o esporte também são evidenciadas quando se menciona que federações esportivas não tem punido alguns atletas para manter seus patrocinadores, questões respaldadas em declarações de um médico especialista francês que diz ser exatamente a pressão dos grandes financiadores do esporte que pode reverter a disseminação do doping.

Argumentos de especialistas antidoping giram em torno de uma comparação do atletismo e outras modalidades com uma corrida de automóveis das quais só participam quem tiver cacife, além do definitivo sepultamento das relações entre esporte e saúde e ainda a competição entre laboratórios nas pesquisas para produzir superestimulantes.

Abaixo da reportagem há uma tabela com o resumo dos argumentos contra e a favor do doping, com uma seringa ilustrando os argumentos sobre: (1) tolerância zero e mais testes-surpresa, (2) liberação de doses não prejudiciais à saúde, (3) liberação do uso de qualquer substância.

Sobre o quesito 1, o argumento contra refere-se ao alto custo dos exames e poucos atletas “pegos” enquanto o argumento a favor delineia-se sobre livrar atletas de suspeitas como aconteceu com o grego Kostas Kenteris. Sobre o quesito 2 reforça-se negativamente a questão do “doping dentro do doping” que não evitaria o surgimento de novas substâncias ao passo que o argumento a favor se estabelece sobre a crença de que seria possível um controle benéfico à saúde dos atletas. O quesito 3 traz como negativo o argumento de pesquisas perigosas com os atletas e a vantagem dos países ricos, ao passo que reforça-se tanto a desigualdade quanto o risco já existente.

Percebe-se a mesma guerra de opiniões discutida pela literatura. Silva (2005, p. 12) pontua que “o argumento dos males causados à saúde pela utilização do doping são válidos e até mesmo inquestionáveis cientificamente e socialmente, no entanto, outros elementos são identificados neste debate e precisam ser

explicitados para que esta discussão se faça de forma consistente e responsável”.

A autora estabelece que essa guerra de opiniões está pautada, sobretudo, numa guerra financeira e de poder, pois, através da análise do processo de produção e controle da dopagem constata-se que sua proibição, na verdade, é desejável não por uma questão de manutenção de uma possível “moralidade”, mas porque os lucros auferidos com a sua criminalização são mais substanciais do que a sua liberação.

As vantagens financeiras obtidas pela indústria farmacológica, pelos laboratórios de aplicação de testes antidoping, pelos médicos e “fiscais” do comitê antidoping das organizações esportivas são infinitamente maiores se o doping permanecer na ilegalidade, pois, um possível controle social representaria também a divisão de recursos, o pagamento de impostos e a consequente responsabilização jurídica e financeira.

## **O atleta quer sua imagem distante do doping**

A utilização do doping é também ideológica, pois, estabelece-se a quebra do mito do esporte

e das atividades corporais como moralmente boas, modelos de organização e procedimento social desejável. Nessa perspectiva, o que está sendo severamente abalado é a idéia de que o desporto e as atividades corporais são atitudes positivas, moral e socialmente respeitáveis e valorizadas.

Escobar (1993, p.6) pontua que dessa forma, os “princípios românticos que animavam o esporte há algumas décadas foram substituídos por outros menos altruístas e de maior afinidade com nossa sociedade de consumo”.

A reportagem “Só falta legalizar: doping se dissemina e vira a regra no esporte de alto nível”<sup>4</sup> traz a tona mais uma questão paradoxal. Apesar dos rumores pela liberação do doping – que inclusive compõe o título da reportagem – como os atletas ao se pronunciarem a respeito procuram dissociar-se de seu uso.

Essa tentativa constante dos atletas de dissociarem sua imagem do uso do doping pode estar associada também à proteção encontrada nas formas nem sempre eficazes de detectar o uso de substâncias para melhorar o desempenho. Tavares (2005, p. 38) discute que

4 Revista Veja, 01/09/1999, p.78



Uma vez que os métodos dopantes parecem ser efetivos, ele continuará sendo um caminho tentador de melhora da performance. Por outro lado, de acordo com a ideologia geral da prática esportiva, seu uso é moralmente errado, ilegal e insalubre. Parece claro que os atletas situam-se então diante de um dilema.

O foco da reportagem em questão está na acessibilidade, cada vez maior, às substâncias que melhoram o desempenho por atletas do Terceiro Mundo, antes exclusivas a atletas de países desenvolvidos por sua produção envolver tecnologia refinada e muito dinheiro. Três casos são destacados, o velocista nigeriano Davidson Ezinwa e o maratonista Moed Ibrahim Aden, além da brasileira do lançamento de disco Elisângela Adriano.

O esteróide anabolizante nandralona (que dá mais energia aos atletas e acelera a recuperação de lesões) é adjetivado como o anabolizante da moda. Utiliza-se uma declaração da atleta brasileira Elisângela (“-Vou fazer de tudo para limpar meu nome”) para afirmar que isso é um discurso padrão de quem é pego na “malha fina”. Pontua-se ainda que os atletas costumam por a culpa nos próprios exames.

O presidente da Federação Internacional de Medicina esportiva é citado na reportagem em questão para contrapor declarações de atletas que afirmam tomar a droga por engano. Eduardo de Rose afirma que a droga só poder ser consumida se injetada, logo não haveria como consumi-la por engano. “A tentativa de achar uma brecha na lei faz parte do jogo de cena do mundo esportivo”<sup>5</sup>.

A narrativa destaca as características físicas de nadadoras (“braços que mais parecem tentáculos” e “corredores disformes”) para afirmar que poucos admitem que a química está derrotando a física. Em seguida caracteriza como “raras” as tentativas de “moralizar” a situação e menciona uma possibilidade discutida por organizadores de competições internacionais de atletismo de não convidar atletas que já estiveram envolvidos com o doping, mesmo que já tenham cumprido punições.

A reportagem termina com a seguinte frase: “A medida é paradoxal, se for eficaz pode não sobrar ninguém a pista”.

### **A força artificial dos ídolos: apoteose ou violação?**

De acordo com Silva (2005, p.11) o doping além de

---

5 Idem



ter alcançado “grande espaço nos veículos de comunicação torna-se emblemático, pois explicita a relação entre ciência e interesses econômicos e políticos, com objetivos que rompem com os procedimentos morais socialmente constituídos”.

A reportagem envolvendo casos de doping de dois ídolos americanos<sup>6</sup> – o ciclista Floyd Landis e o velocista Justin Gatlin, reforça a discussão sobre os limites do que é humano, explicita mais uma vez a controversa questão da flexibilização nas regras antidoping. Segundo esta narrativa, o que realmente chamou a atenção foi a substância detectada nos exames: a testosterona – hormônio sexual. Pontua-se, porém, que não é a presença do hormônio que caracteriza o doping, já que ele é produzido naturalmente pelo corpo, mas sim seu excesso.

Segundo a reportagem, há tempos esse tipo de doping era considerado ultrapassado por técnicas e produtos mais “modernos” como a eritropoietina (EPO) e as transfusões sanguíneas. O fato é que a testosterona pode ser controlada, dificultando a detecção do doping; além disso, o atleta pode alegar que o corpo produziu naturalmente o excesso da mesma.

Percebe-se que a narrativa deu atenção aos fatores científicos no que concerne ao nome das substâncias e/ou hormônios, porém, sobretudo, ressalta os procedimentos de dopagem que podem tornar seu uso imperceptível ou, no mínimo, duvidoso.

Apesar de abalar a imagem tanto dos atletas quanto dos esportes, a reportagem evidencia que há quem defenda a legitimação do doping, pois, segundo a narrativa em questão “em uma sociedade que produz pílulas para todos os fins, de passar no vestibular a obter uma ereção, é hipocrisia esperar dos atletas de alto nível que vivam de água mineral e chá de camomila”(p.68). Por fim, explicita o discurso de Gary Wandler (professor da escola de medicina da Universidade de Nova York e membro da Agência Mundial Antidoping) ao alegar que a liberação causaria outros problemas, como alto risco para a saúde de jovens atletas.

Num contexto mais amplo, o atleta pode ser tido como um “mau” exemplo tendo em vista a sua direta relação com uma identidade nacional vitoriosa que o esporte evoca. A reportagem sobre o doping da nadadora Rebeca Gusmão

6 “Força artificial: dois ídolos são pegos usando testosterona e mostram que o doping é regra, e não exceção”. Revista Veja, 09/08/2006, p.68.

nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro<sup>7</sup> explicita esta questão. Destaca-se que o “Brasil” perdeu as primeiras medalhas de ouro da natação feminina.

No dia da abertura dos Jogos, a nadadora se submeteu a um exame antidoping, no qual foi identificado alto índice de testosterona, hormônio masculino que favorece o aumento da massa muscular. Além disso, um teste de DNA revelou que outras amostras de sua urina, colhidas também durante a competição, pertenciam a pessoas diferentes. Tal fato corroborou para que as suspeitas de que Rebeca tinha usado anabolizantes se confirmassem. A nadadora se defendeu das acusações alegando ser portadora de ovários policísticos – um problema que causa alterações hormonais, dentre elas, o aumento da produção de testosterona.

Souza et al (2008) alertam para a influência da mídia neste caso, como produtora de discursos que motivaram uma vigia à atleta Rebeca Gusmão. Primeiramente foi foco de notícias elogiando sua atuação, sendo orgulho de uma nação, logo após é tida com ‘drogada’, perdendo o respaldo publicamente e ficando proibida de competir. Segundo os autores “é como se a tivessem catalogado num arquivo

de maus exemplos, constituindo cientificamente uma atitude que deve ser repreendida, servindo como um modelo. A intenção era deixar claro que, ao menos no esporte, a desonestidade não seria tolerada” (p.6).

O caso de Rebeca não é um fato isolado. Em Outubro, a velocista americana Marion Jones devolveu as cinco medalhas conquistadas nas Olimpíadas de Sydney, em 2000, depois de confessar que se dopava. Por fim, a reportagem traz uma pesquisa realizada pelo médico americano Mark Brodersen, onde mais de 50% dos atletas de ponta afirmam que aceitariam tomar um remédio que diminuísse sua expectativa de vida em troca de melhor desempenho.

O resultado desta pesquisa se assemelha com a citada em reportagem anterior (Bob Goldman em 1995 na Revista Veja, 17/02/1999, p.64-65) utilizadas nas respectivas reportagens como um aporte para os embates sobre liberar ou não o doping. Com dados advindos diretamente de atletas, cujas motivações permeiam tanto as pressões sociais mencionadas anteriormente quanto os valores oriundos da vitória em competições importantes e os simbolismos arraigados nelas.

7 “Fraude na piscina: exame antidoping flagra Rebeca Gusmão, vencedora de duas medalhas de ouro no Pan.” Revista Veja, 14/11/2007, p.120.

## Considerações finais

Constatamos que as narrativas identificadas se aproximam e fazem uso do contexto do debate científico-acadêmico acerca do doping, porém, evidenciam essencialmente as possibilidades de flexibilização das regras antidoping e até sua liberação. É fato que o discurso moral em torno do esporte é destacado e permeia o conteúdo das reportagens, mas, são nitidamente periféricos nestes discursos.

Por outro lado, são recorrentes nas narrativas a pouco provável manutenção do esporte “limpo”, ou seja, livre dos casos de doping. Em função disso, temos como idéia conclusiva principal que as narrativas analisadas tiveram como foco a exposição dos argumentos pró e contra o uso do doping.

No que se refere aos possíveis efeitos negativos sobre a saúde, por exemplo, as reportagens não destacaram estes aspectos, a não ser ao abordá-los como argumentações de especialistas antidoping que o manifestavam a fim de defender a luta, cada vez maior, por criteriosos testes antidoping pelo esporte “limpo”. No entanto, também estes efeitos como argumentos na luta contra o uso do doping não foram tão recorrentes.

As constatações de Maluly (2007) quanto à imprensa escrita

podem colaborar com os debates acerca das características das narrativas verificadas neste estudo. O autor chama a atenção para o fato de que o enfoque acaba sendo a punição ao atleta, o porque da utilização de substâncias proibidas ou mesmo quais as vantagens que o esportista tirou em termos de conquistas (títulos, medalhas etc.). A evolução do atleta começa a ser ligada ao doping, ou seja, a performance dele aumentou em pouco tempo e suas conquistas devem-se ao uso de substâncias químicas.

No entanto, os resultados obtidos neste estudo permitem verificar uma ampliação nas características do discurso midiático quanto a estas questões, uma vez que a própria divulgação de discussões científicas – não em relação aos efeitos do uso do doping –, ocorreram de forma recorrente para ancorar o preponderante discurso que permeia a questão: é possível livrar o esporte do doping?

É preciso atentar que a limitação deste estudo a uma única revista pode estar associada a este resultado. Portanto, decorre-se a necessidade de estudos que utilizem diferentes fontes de mídia impressa para averiguar se estas características são recorrentes.

A corrida tecnológica tanto para a detecção quanto para o aprimoramento das substâncias que

influenciam no desempenho humano, por sua vez, também ocupou um *locus* de destaque nas narrativas. É necessário observar que nesta pesquisa não foram incluídas reportagens que não estivessem contidas nas seções de esporte no decênio em questão. Portanto, as sessões de entrevistas, especiais de Jogos Olímpicos e Jogos Pan-americanos, por exemplo, constituem um *corpus* de análise em potencial para que se constatem ou se contestem os resultados obtidos a partir desta análise.

## Referências

- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER M.W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3a ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2002. p.189-217.
- ESCOBAR, C. **O espírito do olimpismo**. O correio da Unesco, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, fev,1993.
- HELAL, R. **Campo dos sonhos: esporte e identidade cultural**. Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física, Santa Maria – Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, v.3, p.70-81, 2000.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo**. [Tradução: Rosemary Duarte], Líbero, Ano VI - Vol 6 - n. 11, 2006.
- MALULY, L. V. B. **O doping e a cobertura jornalística no Brasil**. In: MARQUES, J. C. (Org). Comunicação e esporte: diálogos possíveis. 1 ed. São Paulo: Artcolor, v.1, p. 136-149, 2007.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- NETO, F. R. A. O papel do atleta na sociedade e o controle de dopagem no esporte. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Vol. 7, Nº 4 – Jul/Ago, p. 138-148, 2001.
- SENN, A.E. **Power, Politics and the Olympic Games**. Human Kinetics, 1999.
- SILVA, M.R.S. Doping: consagração ou profanação? **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 9-22, set. 2005.
- SOUZA, E.C.A; QUEIROZ, K.F.S; AZEVEDO, P.C.S; ZANLORENZI, T.D; TITSKI, A.C.K. Rebeca Gusmão: vigiada, punida e examinada. **1º ENCONTRO da Associasson Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Esporte (ALESDE)**. “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”, Universidade Federal do Paraná - Curitiba

- Paraná – Brasil, 30, 31/10 e 01/11/2008.

TAVARES, O. Doping no esporte: uma análise tendo como foco os atletas olímpicos brasileiros e alemães. **Revista Brasileira de**

**Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 37-53, set. 2005.

Recebido: 02/fevereiro/2010.

Aprovado: 12/abril/2010.